

Joinville ainda dorme quando um monge é encontrado morto diante da Catedral. A garganta foi cortada com precisão, um pequeno osso desapareceu de sua mão e, junto ao corpo, o assassino deixou um bilhete. Não há testemunhas. Não há sinais de luta. Apenas a certeza de que aquilo não terminou ali.

O caso chega às mãos do delegado Douglas Navarro, um ex-seminarista que trocou a batina pela polícia sem conseguir abandonar completamente os fantasmas que trouxe da Igreja. Fumante, cético na medida errada e pouco interessado em parecer um homem melhor do que é, Navarro reconhece nos crimes algo que seus colegas ainda não conseguem enxergar: quem está matando não quer apenas esconder cadáveres. Quer construir uma mensagem.

Quando novas vítimas aparecem, cada uma carregando elementos de um ritual cuidadosamente planejado, a investigação começa a percorrer igrejas, arquivos esquecidos, corredores de necrotério e lembranças que deveriam ter permanecido enterradas. Os Dez Mandamentos surgem como parte de uma lógica macabra. Mas há uma pergunta que incomoda Navarro desde o primeiro corpo: se Deus entregou dez mandamentos aos homens, quem teria autoridade para escrever o décimo primeiro?

Quanto mais se aproxima da resposta, menos o delegado consegue separar o investigador do ex-seminarista. O assassino parece conhecer não apenas as Escrituras, mas também as feridas daqueles que as interpretam. E, aos poucos, a caçada deixa de ser apenas pela identidade de um homicida para se transformar em um confronto entre culpa e absolvição, pecado e justiça, fé e aquilo que os homens fazem em nome dela.

Porque alguns crimes terminam quando o culpado é encontrado.

Outros começam exatamente nesse momento.

O Décimo Primeiro Mandamento é um thriller policial noir sobre homens que acreditam poder julgar outros homens e sobre o preço de descobrir que, entre a lei de Deus e a lei dos homens, existe um território onde nenhuma absolvição é gratuita.